

(Des)localizações: geografias do corpo na poesia de Adrienne Rich

Marta Soares¹

Resumo:

Tendo por base o ensaio “Notas para uma política da localização”, este artigo propõe uma análise do corpo como lugar, e dos lugares do corpo, na poesia de Adrienne Rich. Norteadado pela materialidade corporal, o artigo focar-se-á mais especificamente nas múltiplas figurações do corpo em sofrimento, procurando explorar a cartografia da dor traçada pela poeta ao deslocar-se do seu lugar, central e privilegiado, para “outras” margens, espaços de privação e invisibilidade. Se, tal como Rich escreve em “Notas”, o corpo é firmemente localizado pelo sexo, raça, classe económica e geografia, como pode esse mesmo corpo movimentar-se ao encontro de “outros” corpos? Que limitações e possibilidades estão inerentes a esta deslocalização, apresentada pela poeta como uma forma de se entender na sua multiplicidade e como uma missão cujo objetivo é recuperar a “América” outrora sonhada e imaginada?

Palavras-chave: Política da localização, poética da deslocalização, o corpo, cartografia da dor

Abstract:

Based on the essay “Notes toward a Politics of Location,” this study seeks to examine the body as a place and the places of the body in Adrienne Rich’s poetry. Guided by the body’s materiality, my essay focuses specifically on the numerous representations of the body in pain, aiming to explore the cartography of pain outlined by the poet as she dislocates from her central privileged place to “other” margins, spaces of dispossession and invisibility. If, according to Rich’s words in “Notes,” the body is firmly located by sex, race, class, and geography, how can it move towards “other” bodies? What are the limits and possibilities of such dislocation, taken by the poet as a way to understand herself in her multiplicity and as a mission to retrieve the “America” that was once dreamed of and imagined?

Keywords: Politics of location, poetics of dislocation, the body, cartography of pain

¹ Doutorada em Estudos Americanos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Marta Soares elaborou a sua tese sobre Adrienne Rich, onde analisa questões como poder, missão, corpo e dor, e a relação entre poesia e sociedade. Atualmente é investigadora no CEAUL (Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa). Entre outras áreas, interessa-se por Estudos Americanos, Estudos sobre Mulheres e Humanidades Médicas.

“Não o sabes, Se não saís de ti, não chegas a saber quem és”

José Saramago, *O conto da ilha desconhecida*

Uma das vozes mais sonantes da literatura norte-americana contemporânea, Adrienne Rich é autora de uma obra poética e ensaística tão vasta quanto notável, estando incluída em diversas antologias e tendo recebido inúmeros prémios – entre eles, a célebre Medalha Nacional das Artes, que recusou.² Profundamente enraizada na intersecção entre poesia e política, a obra de Rich destaca-se pelo seu entendimento da escrita como um compromisso individual e uma responsabilidade coletiva, um exercício de cidadania onde a palavra poética presta testemunho ao seu tempo e lugar.³ Não nos surpreende, pois, que o percurso literário de Rich seja constituído por viragens inesperadas, resultado do modo como o pessoal, o poético e o político se foram entrosando na sua escrita. Falo de viragens inesperadas, porque a poesia de Rich nem sempre foi tão declaradamente ancorada no seu contexto social. Nascida em Baltimore em 1929 no seio de uma família de classe média, Rich recebeu uma formação intelectual e artística de teor canónico e conservador, inicialmente a cargo dos seus pais, Helen Rich, uma pianista que abandonou a sua carreira depois de se ter casado com Arnold Rich, médico e professor universitário que, como judeu assimilado, procurava seguir os valores dominantes da sociedade norte-americana dos anos trinta.⁴ O primeiro livro de Rich, *A Change of World (Mudança de mundo)*, publicado em 1951 e fortemente aclamado pela crítica, especialmente pelo poeta W.H. Auden que o seleccionou para o “Yale Younger Poets Prize”, reflete claramente esta educação literária inicial ao conter poemas formalistas e de teor neutro e universal, aparentemente distanciados do seu contexto histórico e da mulher que lhes deu voz.

² Veja-se o texto “Why I Refused the National Medal for the Arts” (Rich, 2001: 98 ss.), onde Rich apresenta as razões que a levaram a recusar este prémio.

³ Tal como Rich explicita no ensaio “Dearest Arturo”, a noção de “política” de que se serve advém da sua origem etimológica, da “polis” enquanto comunidade pública constituída por cidadãos que procuram lidar entre si de forma humana, onde a política é um processo dinâmico que almeja quebrar barreiras e nivelar hierarquias, revestindo-se por isso de um teor poético e utópico (Rich, 1993a: 25).

⁴ Segundo Rich, a relação com o seu pai era tensa e conturbada. Ao longo da sua obra, são inúmeras as referências à figura paterna; veja-se, por exemplo, “After Dark” (Rich, 1993b: 227 ss.) e “Sources” (Rich, 1986a: 1 ss.).

Em 1953, Adrienne Rich casa-se com Alfred H. Conrad, de quem viria a ter três filhos – David, Paul e Jacob. A tentativa de conciliar maternidade, família e escrita revela-se no entanto extenuante para Rich, que cedo se apercebe do desfasamento entre ser mulher e ser poeta, quer pelo lugar que a tradição literária lhe atribui, quer pelo modelo de feminilidade imposto pela sociedade dos anos cinquenta, limitando-a à esfera doméstica. Este desconforto perante a convenção social e literária, a par de uma maior consciencialização política graças aos movimentos sociais que começavam a despontar naquela época, ditou uma mudança profunda na sua escrita, como se verifica no livro *Snapshots of a Daughter-in-Law (Instantâneos de uma nora)*. Publicado em 1963, *Snapshots* constitui um ponto de viragem crucial no seu percurso, pois é aqui que a poeta escreve, pela primeira vez, como mulher, abandonando o formalismo neutro e distanciado dos anos cinquenta e abrindo a poesia ao pessoal e ao político. A partir do final da década de sessenta e durante os anos setenta e oitenta, Rich viria a atingir o seu auge literário, fruto da sua visibilidade pública enquanto feminista, ativista pelos direitos dos homossexuais e apoiante da causa Palestiniana, bem como da sua abordagem de temas como o sexismo, a homofobia, a Guerra do Vietname, a violência patriarcal e a angústia das origens.⁵

Assim como Maria Irene Ramalho e Mónica Andrade observam, a obra de Rich revela a ansiedade de alguém que procura a sua identidade por dela se ver privada: “[s]ó quem sofre as consequências diretas de não ter a identidade ‘certa’ sente necessidade de afirmar a sua” (Rich, 2008: 14).⁶ O ensaio “Notes toward a Politics of Location” (“Notas para uma política da localização”), escrito em 1984, resulta das preocupações de Rich relativamente à sua pluralidade identitária e ao modo como esta influencia o seu posicionamento político e estético: “[...] preciso de compreender como é que um lugar no mapa se torna também um lugar na história dentro do qual, como mulher, como judia, como lésbica, como feminista, sou criada e tento criar”

⁵Em 1970, Rich divorcia-se do seu marido e em 1976 assume-se publicamente como lésbica, iniciando um relacionamento com Michelle Cliff que viria a durar até ao final dos seus dias.

⁶ Não obstante a relevância literária de Rich, são poucas as traduções em português da sua obra. É de salientar, no entanto, a tradução do ensaio “Notes toward a Politics of Location”, incluída na antologia *Género, identidade e desejo*, organizada por Ana Gabriela Macedo, e da qual este artigo se serve, bem como a excelente antologia bilingue *Uma paciência selvagem*, organizada e traduzida por Maria Irene Ramalho e Mónica Varese Andrade. Em relação aos poemas, usou-se, sempre que possível, a versão proposta por Ramalho e Andrade; as restantes traduções são da minha autoria.

(Rich, 2002: 17).⁷ Angustiada pela sua localização paradoxal – no centro, como cidadã norte-americana, branca e de classe média; nas margens, como mulher, judia secular e lésbica – Rich procura entender a política inerente às suas diversas localizações, ancorando-se na contingência do concreto e traçando, por isso, uma cartografia a partir do corpo (Rich, 2002: 17).

Partindo de uma breve leitura de “Notas”, este artigo debruçar-se-á sobre o corpo como lugar e os lugares do corpo na poesia de Adrienne Rich, atentando no modo como a política da localização é ampliada e consolidada através de uma poética da deslocalização. Norteados pela materialidade corporal, o artigo focar-se-á mais especificamente nas múltiplas figurações do corpo em sofrimento, procurando explorar a cartografia da dor que Rich cria ao deslocar-se do centro para as margens. Neste sentido, a deslocalização será entendida como uma espécie de desidentificação (Balibar, 2002) que, baseada na dor como um denominador comum, permite à poeta compreender a sua identidade fraturada ao desidentificar-se com o centro e identificar-se com aqueles que ocupam um lugar precário. Por ter na sua gênese uma sobreposição entre corpo pessoal, poético e político, esta deslocalização será analisada não só como uma forma de apreensão da multiplicidade identitária, mas também como uma missão que a poeta enceta com o objetivo de recuperar o mito da “América”, projetando possibilidades várias enquanto mapeia a geografia acidentada dos EUA.

“Começar, assim, não por um continente, por um país ou por uma casa, mas pela geografia mais próxima – o corpo” (Rich, 2002: 17). Esta frase, uma das mais citadas de Rich, constitui a premissa central de “Notas”, uma vez que explicita o mapa que a poeta utiliza para cartografar as suas múltiplas localizações. Com o intuito de evitar qualquer tipo de essencialismo ou abstração teórica, Rich centra-se no “seu” corpo, vivo e sensual, específico e individual, e não apenas “no” corpo. Reclamar a materialidade corporal, sem no entanto a transcender, torna-se crucial para a política da localização, pois é na geografia do corpo que se evidencia o lugar da classe (“[o]ssos bem alimentados da placenta; os dentes de alguém da classe média tratados pelo

⁷ Todas as citações do texto “Notas para uma política da localização” têm como fonte a tradução de Maria José da Silva Gomes, presente na antologia *Género, identidade e desejo*; a versão original do texto encontra-se em Rich, 1986b: 210 ss.

dentista duas vezes por ano desde a infância”), da raça (“[p]ele branca”), do sexo (“gravidez três vezes, uma esterilização por opção”), da religião e da geografia: “[o] corpo com que nasci não era apenas feminino e branco, mas também suficientemente judeu para que a localização geográfica, nessa altura, tivesse tido um papel determinante” (Rich, 2002: 19 ss.).

Não obstante a pertinência argumentativa de “Notas”, a cartografia que traça revela-se algo estática, definindo categorias estanques e distanciadas entre si ao retratar o corpo como firmemente localizado e distinto de outros corpos, nomeadamente daqueles que não são brancos, nem de classe média, nem norte-americanos.⁸ A meu ver, a análise da política da localização não deve cingir-se ao ensaio em que é definida, uma vez que é na poesia que este conceito ganha um maior fôlego ao traduzir-se numa poética da deslocalização. Se o corpo é apresentado em “Notas” como um critério de diferenciação, na poesia, é o próprio corpo que surge como elo de ligação entre Rich e as “outras” entidades. A poética da deslocalização nasce da angústia de Rich perante a sua identidade múltipla, nomeadamente da sua tentativa de se entender através de identificações várias (Braidotti, 2011: 157 ss.) que implicam sair de si própria e servir-se, de forma paradoxal, do corpo que a diferencia como elemento de ligação, estabelecendo um vínculo com base na dor e na precariedade física.

Ao longo de mais de cinquenta anos, Adrienne Rich viveu diariamente sob o peso da dor crónica provocada pela artrite reumatoide, uma doença degenerativa que acabou por ditar a sua morte, em março de 2012. São abundantes, por isso, as representações do corpo na sua obra, mais concretamente de um corpo fraturado e em sofrimento, sobretudo na sua escrita mais recente. Ainda que a dor constitua uma experiência radicalmente privada, fechando e isolando o corpo em sofrimento (Scarry, 1985: 6), Rich exterioriza a sua dor ao verbalizá-la na poesia, traçando uma cartografia onde o seu sofrimento pessoal se interseta com o corpo poético e o corpo político. A expressão da dor é, no entanto, dificultada pela relação complexa entre sofrimento e linguagem; como observado por Elaine Scarry, a dor desafia e destrói a linguagem, pois provoca uma regressão a um estado pré-linguístico, feito de esgares e de gritos, que

⁸ No seio da crítica feminista, são apontadas algumas limitações à política da localização de Rich; veja-se, por exemplo, Roberson, 1998: 10 ss., bem como Rowe, 2005: 19 ss.

impede todo e qualquer ato comunicativo, alienando e segregando quem sofre (Scarry, 1985: 4).

Verbalizar a dor através da poesia e converter o corpo em sofrimento num espaço de ligação constitui, portanto, uma tarefa árdua. Tal como Rich nos diz, em “Contradictions: Tracking Poems” (“Contradições: sequência de poemas”), as limitações impostas pela dor são ainda mais acentuadas pelos obstáculos que se colocam à partilha dessa mágoa: é difícil “viver num corpo magoado”, especialmente “num mundo onde a dor deve ficar amordaçada / por curar por-chorar” (Rich, 1986a: 100). Para além de referir a anulação verbal causada pelo sofrimento, este poema alude ao desconforto social provocado pela dor, sobretudo quando se trata de um padecimento político. A voz dos marginalizados é uma voz quebrada e magoada, como bell hooks descreve, emitindo um discurso feito de sons rudes e desagradáveis que ninguém quer ouvir (hooks, 1990: 146). Embora ciente das diferenças entre dor privada e dor pública, Rich mostra-se ainda mais consciente do poder desumanizador do sofrimento, seja ele corporal, político ou financeiro. A sua poesia expressa por isso uma urgência em unir “a dor / de qualquer corpo com a dor do corpo do mundo” (Rich, 1986a: 100), procurando trazer para o espaço público uma experiência tão privada como a dor.

A abordagem da dor corporal na poesia de Rich destaca-se por duas razões. Em primeiro lugar, a autora desafia o poder silenciador do sofrimento ao traduzir o seu som quebrado em poesia – lugar paradoxal de palavras e silêncios –, transformando o seu corpo fraturado num signo linguístico, como refere no poema “Contradições”: “[s]into-me significada pela dor / a partir do esterno, descendo pelo ombro esquerdo pelo / cotovelo até ao pulso vai um fio de dor” (Rich, 2008: 217 ss.). Em segundo lugar, Rich consegue, através da sua escrita, contrariar a capacidade que a dor tem para fechar e isolar, retratando o corpo como aberto, amplo e capaz de se estender até outros corpos. O poema “Calle Visión”, incluído em *Dark Fields of the Republic* (*Campos Negros da República*), é bem ilustrativo desta deslocalização, criando uma cartografia com base na experiência comum da dor.⁹ Escrito entre 1992 e 1993, “Calle

⁹ A quinta parte do poema “Inscriptions”, também em *Dark Fields*, é igualmente exemplificativa desta procura da identidade através da identificação com identidades precárias; veja-se Rich, 1995: 66 ss.

Visión” tem como tema principal um incêndio que deflagrou em 1991 numa empresa avícola em Hamlet, na Carolina do Norte, e do qual resultaram 25 mortos e 56 feridos (Harvey, 1993: 41 ss.). Ao abordar o incidente de Hamlet que, como David Harvey refere, foi praticamente ignorado na altura em que aconteceu (Harvey, 1993: 43), o poema procura recordar este episódio de modo a evitar a sua obliteração e a total desmaterialização dos trabalhadores afetados.¹⁰

Em “Calle Visión”, Rich propõe-se testemunhar o sofrimento daqueles cujos corpos carregam o peso do capitalismo, quer pela descrição que faz das suas condições precárias de trabalho, quer pela ligação que estabelece entre o sofrimento dos trabalhadores e a sua própria dor. Ao associar o ardor provocado pela artrite reumatoide com as queimaduras causadas pelo incêndio, o sujeito poético sente, no seu corpo e através do seu corpo, a mágoa real dos trabalhadores de Hamlet: “Os movimentos repetitivos do abate / – fogo nos pulsos nos cotovelos – [...] fogo no matadouro fogo / no canal cárpico” (Rich, 1995: 16). À medida que a dor abre o corpo do sujeito e o identifica com o sofrimento físico e cívico dos trabalhadores, o eu-lírico torna-se indistinto dos “outros”, estabelecendo uma ligação tão profunda que a própria dor se torna indivisível:

Calle Visión joelho ferido

espinha ferida olho ferido

Alguma vez trabalhou com metais?

Possui algum objeto metálico no seu corpo?

.....

Calle Visión nunca te esqueças

da dor do corpo

nunca a separe (Rich, 1995: 14)

Este passo é bem ilustrativo da tentativa de verbalizar a crise de identidade provocada pela dor crónica, tanto pela representação de um corpo fragmentado, como pela utilização de uma linguagem também ela fissurada, entrecortada por espaços em branco e versos à deriva. Para além de veicular a inefabilidade da dor,

¹⁰ Ao contrário de um outro acidente de trabalho semelhante, o incêndio da “Triangle Shirtwaist Company”, que deflagrou em 1911 e do qual resultaram 146 mortos, o acidente de Hamlet não foi alvo de grande atenção pública (Harvey, 1993: 43).

acomodando os seus silêncios e a sua resistência à palavra, a estrutura quebrada do poema permite a coexistência de diversos fragmentos corporais, igualmente anônimos e desidentificados, que gravitam em torno da sua vulnerabilidade comum. As perguntas “[a]lguma vez trabalhou com metais? / Possui algum objeto metálico no seu corpo?”, retiradas do questionário clínico que normalmente se preenche antes de uma ressonância magnética, materializam a experiência real de Rich no poema, transformando a composição numa espécie de radiografia onde os seus ferimentos se tornam perceptíveis e indistintos dos corpos dos trabalhadores. Em “Calle Visión”, a pertença corporal torna-se indiferente, pois a dor sentida pelos trabalhadores de Hamlet é tão relevante quanto a mágoa do sujeito poético (ou da poeta) e, por conseguinte, ambas as dores devem ser recordadas e lamentadas da mesma forma.

A repetição da expressão “joelho ferido” (“wounded knee”) ao longo do poema evoca um outro lugar de sofrimento, levando-nos até Wounded Knee Creek, na Dakota do Sul, onde aproximadamente 200 pessoas do povo Lakota Sioux foram massacradas, em 1890, pelas tropas norte-americanas, durante as Guerras Indígenas (Richardson, 2010).¹¹ Recordado, ainda hoje, como um dos eventos mais sangrentos do expansionismo norte-americano, o massacre de Wounded Knee constitui uma ferida aberta na memória coletiva dos Estados Unidos, uma dolorosa lembrança dos atos brutais que foram cometidos ao longo da história em nome da ideologia do Destino Manifesto. A referência a este massacre torna-se crucial no poema, pois ilustra a sobreposição de diferentes cartografias da dor, ao intersetar o corpo fraturado da poeta com o atlas acidentado dos EUA, uma nação ferida pela sua própria história, feita de violência e dolorosas exclusões.

Ainda que perfeitamente consciente dos seus lugares e do modo como estes definem a sua identidade e relações de pertença, a necessidade de se responsabilizar pela sua localização leva Rich a sair de si mesma e a desidentificar-se com esse lugar inicial, explorando na poesia as potencialidades do corpo em sofrimento e como este lhe permite localizar-se deslocalizando-se.¹² Tal como refere no ensaio “Blood, Bread, and Poetry” (“Sangue, pão e poesia”), escrito em 1984, Rich entende que, por ser

¹¹ Também os poemas “An Atlas of the Difficult World” (Rich, 1991: 1 ss.) e “Quarto” (Rich, 2011: 65 ss.) fazem referência ao massacre de “Wounded Knee”.

¹² Relativamente ao processo de formação de identidade com base num movimento de identificação-desidentificação, veja-se Balibar, 2010: 31 ss.

mulher, poeta e cidadã norte-americana, a sua escrita tem a função (e missão) de recuperar a história que realmente lhe interessa, nomeadamente “a história dos desapossados” (Rich, 1986b: 175 ss.). Recusando limitar-se ao lugar que lhe foi atribuído à nascença, Rich procura nas margens o negativo das suas origens para assim constituir a sua própria identidade – precária e em movimento – com base em múltiplas identificações.

A deslocalização do centro para as margens, bem como a identificação com sujeitos frágeis e vulneráveis, levantam porém uma série de problemas. Em primeiro lugar, coloca-se a questão da representação, em que “falar sobre” facilmente resvala para “falar por”, um ato entendido pela crítica pós-colonial e feminista como forma de colonização potencialmente silenciadora do “outro”.¹³ O sofrimento físico que assola a poeta, por mais intenso e atroz que seja, será sempre diferente da dor sentida pelas entidades precárias e marginalizadas. Em segundo lugar, como observado por Margaret Dickie, unir a dor pessoal à “dor do corpo do mundo” (Rich, 1986a: 100) coloca em risco a materialidade específica do corpo da poeta, tornando-o universal, neutro e anónimo (Dickie, 1997: 158 ss.). Rich mostra-se, no entanto, perfeitamente consciente destes entraves à sua deslocalização, como explicita em “Contradições”:

Vós, para quem eu escrevo isto
nas horas noturnas quando a cartilagem desfeita
se infiltra nas articulações místicas dos ossos
quando o inseto do detrito rasteja
desde o ombro ao cotovelo ao carpo
lembrai-vos: a dor do corpo e a dor das ruas
não são iguais mas podeis aprender
com as fronteiras que esmaecem Ó vós que adorais fronteiras firmes
acima de tudo olhai as fronteiras que esmaecem (Rich, 1986a: 111)

Para Rich, a diferença não deve ser encarada como um obstáculo à possibilidade de um entendimento comum, mas sim como uma hipótese de aproximação. Inteiramente consciente da impossibilidade de ser o “outro”, Rich procura, contudo, conhecer e dar

¹³ A propósito da problemática da representação e do potencial colonizador que lhe está inerente, veja-se hooks, 1990.

a conhecer este “outro” através da sua poesia. Norteada pela geografia da dor, a poética da deslocalização não contradiz a política da localização, antes a complementa, pois não se propõe transcender qualquer diferença, mas explorá-la como uma hipótese de aprendizagem mútua. Em vez de se esconder atrás de uma simpatia distanciada e hierarquizada que sente e fala “por”, Rich oferece-nos uma empatia que fala e sente “com”, traduzindo *pathos* em *ethos* através da dor como uma língua comum (Gelpi, 2001: 12; Shreiber, 1997: 313). Ao contrário de Walt Whitman, cuja poesia assenta igualmente em inúmeras expansões corporais, Rich mostra-se mais interessada em “ser com” do que em “tornar-se em”. No poema “Canto de mim mesmo”, por exemplo, Whitman apropria-se claramente da dor pública, assimilando-a e tomando-a como sua ao proclamar “[a]s agonias são uma das minhas vestes, / [n]ão pergunto ao ferido como se sente, eu próprio me converto no ferido” (Whitman, 1999: 93), ao passo que Rich expressa uma urgência em se identificar com aqueles que sofrem, sem no entanto assimilar a sua alteridade.

Na verdade, não é o desejo de partilhar a dor que impulsiona a deslocalização de Rich, mas a vontade de partilhar o que aprendeu com a dor enquanto experiência comum, capaz de atenuar diferenças sem as anular (Hogue, 2001: 44 ss.). Através da sua poética da deslocalização, Rich pretende motivar um processo de aprendizagem do “outro”, essencial à “luta pela responsabilização” (Rich, 2002: 16) exigida pela política da localização. Como refere em “Notas”, a ocupação de um espaço central implica o reconhecimento das falhas cognitivas que daí decorrem, uma vez que “todo e qualquer privilégio é, bem lá no fundo, ignorante” (Rich, 2002: 30). É esta necessidade de se responsabilizar pela sua localização privilegiada que leva Rich a deslocalizar-se até às margens, procurando colmatar as suas lacunas através de uma aprendizagem sobre o “outro”, dentro e fora dos EUA.

Embora Rich seja extremamente crítica em relação ao seu país, lamentando a “capacidade comprovada do seu governo para atos de violência e de arrogância de poder”, como afirma em “Notas” (Rich, 2002: 15), a poeta não abandona a sua nação. Ao contrário de Virginia Woolf que, como mulher e escritora, rejeita qualquer pertença nacional, em *Three Guineas* (Rich, 2002: 15 ss.), Rich recusa-se a negar a sua cidadania norte-americana, precisamente por se sentir secundarizada: “[c]omo mulher, tenho um país; como mulher, não me posso desligar desse país, condenando pura e

simplesmente o seu governo, ou dizendo três vezes: ‘Como mulher, o meu país é o mundo inteiro’” (Rich, 2002: 17). Aliás, para Rich, é-lhe totalmente impossível transcender a sua nacionalidade, porque se sente profundamente enraizada na materialidade do seu solo, como refere no poema “An Atlas of the Difficult World” (“Atlas do mundo difícil”): “Estou presa à terra” (Rich, 2008: 249). Inexoravelmente ligada à sua nação, mas dolorosamente consciente da sua história violenta, Rich define a sua ligação aos Estados Unidos como penosa, mas necessária, uma relação complexa e ambígua, onde amor, raiva e dor chocam e se interseccionam entre si.

Em “Atlas”, por exemplo, Rich aborda a dor do corpo político, ao cartografar a geografia irregular dos Estados Unidos, enquanto relembra, paralelamente, os valores constitutivos do mito da “América”: democracia, igualdade e liberdade. Neste poema, Rich assume-se como uma patriota que, longe de ser uma arma de guerra, é “[...] alguém que batalha / pela alma do seu país / como batalha pelo seu próprio ser”, alguém que faz por “[...] recordar o verdadeiro país dela, para recordar a terra dele, que sofre” (Rich, 2008: 259 ss.). Resultado de uma sobreposição entre corpo poético e corpo político, a geografia da dor apresenta-se como uma espécie de Jeremiada, um lamento pelo estado real dos EUA que projeta, por outro lado, uma possível redenção comunitária. Claramente um ato cívico de testemunho, a poética da deslocalização enceta uma missão cujo objetivo é deslembrar a memória coletiva dos Estados Unidos, ou seja, lembrar o que normalmente é esquecido, ao mesmo tempo que perspetiva um futuro feito de possibilidades outras. Como nos diz Irene Ramalho Santos, os poetas são as testemunhas mais importantes de uma nação, pois é a sua capacidade de deslembrar que testa a existência de um país e mede as consequências dos seus atos (Santos, 2004: 289).

Numa nação como os Estados Unidos, a poética de testemunho torna-se particularmente necessária, tendo em conta o modo como os norte-americanos lidam com o seu passado, evitando recordar certos eventos – como a escravatura, por exemplo – que possam manchar a imagem de perpétua inocência e idoneidade moral acalentada pelo Excepcionalismo Americano, como Susan Sontag refere (2003: 79). Norteada pela cartografia da dor, a poética da deslocalização procura desmitificar esta fantasia coletiva, quer através da materialização corpórea daqueles que não são considerados excecionais (como acontece, por exemplo, em “Calle Visión”), quer pela

urgência em deslembrar a memória coletiva dos EUA, recuperando uma história feita de sangue e violência para assim despertar os cidadãos “do sonho esgotado da inocência” (Rich, 2008: 259). Preocupada com esta amnésia coletiva, Rich procura, através da sua poesia, motivar uma consciencialização mais alargada nos seus compatriotas, levando-os a reconhecer que o mal não está sempre “ali”, pois “aqui” também existe hostilidade.

Além de recuperar uma história nacional feita de dolorosas exclusões, Rich pretende expor as consequências nefastas do imperialismo norte-americano. Enquanto cidadã dos Estados Unidos, Rich entende que deve assumir responsabilidade pelos atos hostis cometidos pelo seu governo, alargando, por isso, a sua cartografia da dor de modo a incluir o sofrimento causado a outros países. Nesta vertente transnacional, a poética da deslocalização procura contornar a perspetiva unilateral e maniqueísta que os cidadãos norte-americanos normalmente adotam, motivando-os a “ter em mente as carnificinas do estalinismo e os terrores da contrarrevolução russa, lado a lado com as carnificinas da supremacia branca e do ‘Destino Manifesto’” (Rich, 2002: 24). A poética da deslocalização visa encorajar uma responsabilização coletiva, contribuindo, desta forma, para a desconstrução do Excepcionalismo Americano, e instigando uma maior atenção para com o sofrimento do corpo político dos Estados Unidos (Rich, 2009: 131 ss.).

Escrito em 1968, o poema “Nightbreak” (“Interrupção noturna”) ilustra a extensão da geografia do corpo e o teor transnacional da cartografia da dor ao apresentar o corpo do sujeito poético como um símbolo da destruição provocada pela Guerra do Vietname: “o meu corpo é uma lista de feridas / simetricamente colocadas / uma aldeia / arrasada por aviões” (Rich, 1993b: 326 ss.). A identificação com o “inimigo” vietnamita dilui as fronteiras entre “eu” e “outro”, permitindo à poeta responsabilizar-se pela violência perpetrada pelo seu país e desestabilizar as atribuições convencionais de culpa e inocência. Numa publicação mais recente, *The School Among the Ruins* (*A escola entre ruínas*), escrita entre 2000 e 2004, a poeta traça de novo uma cartografia transnacional, desta vez com o propósito de prestar testemunho ao sofrimento causado pelo 11 de setembro. Ao verbalizarem um trauma coletivo, os poemas deste volume assentam numa articulação paradoxal entre palavra e silêncio, já que o evento em si nunca é diretamente referido, mas apenas sugerido e integrado num contexto

mais alargado. Ainda que de forma velada, o poema “Equinox” (“Equinócio”), por exemplo, aborda os acontecimentos do 11 de setembro, quer por se integrar no seu eixo temporal (a composição foi escrita em 2001), quer pela narrativa de violência em que se inscreve:

Estar assim, tão magoado: nos órgãos moles meadas de consciência

De novo e de novo ter deixá-lo ser

um mal para os outros uma destruição do âmago vivo

esse ego surdo à solta que ensombra o mundo

tão magoado: coração baço as vísceras em longas fitas inflamadas

o colar vertical da espinha a baloiçar (Rich, 2004: 16 ss.)

Estes versos delineiam a cartografia do sofrimento do corpo político dos Estados Unidos, mostrando as suas feridas e revelando a sua desintegração. No contexto do poema, esta é uma dor autoinfligida, resultante da húbriis norte-americana e do seu “ego surdo à solta que ensombra o mundo”. O poema “The School Among the Ruins” (“A escola entre ruínas”) aprofunda esta questão ao apresentar uma abordagem transnacional da dor com o claro intuito de motivar uma responsabilização coletiva. Escrito em 2001, o poema começa com uma lista de cidades que foram (e têm sido) sucessivamente afetadas pela guerra: “Beirute. Bagdade. Sarajevo. Belém. Kabul. Aqui não, claro” (Rich, 2008: 24). Embora a ausência dos EUA seja definida pela negação deítica “Aqui não, claro”, a sua presença torna-se obrigatória no poema por constituir, na altura em que o poema foi escrito, o “inimigo” que assolava algumas destas cidades. A composição apresenta-nos um cenário de devastação, em que uma escola procura retomar a sua rotina normal de modo a proporcionar um abrigo temporário para os seus alunos. Não obstante os diversos lugares enumerados no início, a localização exata da escola mantém-se desconhecida: sabemos que há “destroços humanos” (Rich, 2004: 23) por todo o lado e bombas que rasgam o céu à noite; sabemos também que é setembro. Na verdade, pouco importa se a escola fica em Beirute, Bagdade, Sarajevo, ou Nova Iorque, pois a geografia que aqui se ensina nada tem a ver com pontos estáticos num mapa, mas sim com a mutabilidade da cartografia da dor:

Um: não sei onde é que a tua mãe

está Dois: não sei
porque é que nos querem ferir
Três: nem a latitude nem a longitude
do seu ódio Quatro: não sei se nós
os odiamos da mesma maneira (Rich, 2004: 24)

Se, como mencionado em epígrafe, o poema não se passa “aqui”, nos EUA, então “nós”, os norte-americanos, passamos a ser “eles”, o “outro” distante e ameaçador que odeia e destrói. Ao desestabilizar o lugar de enunciação dos pronomes pessoais, Rich deslocaliza a percepção da violência, motivando assim uma maior consciencialização sobre o “outro”. Como referido em “Notas”, esta visão deslocalizada é crucial nos EUA, uma vez que, segundo a poeta, os norte-americanos não são “encorajados a ajudar a criar aqui uma sociedade mais humana, em resposta àquelas que somos ensinados a odiar e a temer” (Rich, 2002: 24). Judith Butler, cujo trabalho mais recente procura igualmente fomentar uma consciência coletiva mais alargada, chama a atenção para a necessidade de uma maior responsabilização nacional, capaz de incutir uma perspetiva multilateral que promova a mútua aceitação da fragilidade humana (Butler, 2004: 7 ss.). Segundo Butler, a perda e a vulnerabilidade são intrínsecas à nossa condição de corpos socialmente constituídos e relacionais, inexoravelmente ligados entre si e expostos uns aos outros (Butler, 2004: 20). Torna-se, portanto, necessário e inevitável reconhecer esta fragilidade comum (especialmente nos EUA, após o 11 de setembro), para assim motivar uma responsabilização coletiva pela vulnerabilidade do “outro” e estimular a criação de laços internacionais mais igualitários (Butler, 2004: 25, 40).

A aceitação da vulnerabilidade comum é fundamental para o modelo identitário que Rich apresenta, assente em inúmeras identificações. Esta subjetividade – múltipla, igualitária e em constante mudança – revela-se, por isso, uma alternativa ao modelo identitário norte-americano, assimilador e neutralizador da diferença. Como Rich nos diz, o paradigma que apresenta não é simples, mas é indispensável, mais ainda nos Estados Unidos, “onde identidades e lealdades foram destruídas e substituídas sem qualquer hesitação, tudo em nome de nos tornarmos ‘americanos’” (Rich, 2002: 27). Incitado pela responsabilização, o modelo identitário de Rich é particularmente difícil,

porque implica uma descentralização contínua, pedindo ao sujeito que saia de si próprio e se estranhe a si mesmo, deslocalizando-se até às margens – espaço de abertura e possibilidade, como bell hooks descreve –, traçando um movimento que é tão necessário quanto perigoso (hooks, 1990: 145 ss.).

Precária e instável, esta forma de subjetividade é desconfortável e perigosa, uma vez que desestabiliza o modelo hegemónico norte-americano, baseado numa clara divisão entre centro e margens, que Rich reconhece, mas desafia. Como refere no poema “Yom Kippur 1984”, ainda que consciente dos riscos que corre ao sair do seu lugar central e privilegiado, a necessidade de se responsabilizar pela sua localização é mais forte, levando-a inevitavelmente ao encontro do “outro”: “[a]mar o Estranho, amar a solitude – estarei a escrever apenas sobre / privilégio, / sobre desviar-me do centro, atraída para as orlas” (Rich, 2008: 213). A poeta enfrenta o perigo de se ligar ao “não-eu” com o intuito de mostrar a diferença como uma possibilidade de aprendizagem e não como uma fonte de antagonismo. Mais do que reconhecer o abismo entre “eu” e “outro”, importa perceber a diversidade dentro do próprio “eu”, percecionando, à semelhança de Rosi Braidotti, a “identidade como local de diferenças” (Braidotti, 2002: 159).

No entender de Ramalho e Andrade, a sobrevivência identitária de Rich depende da sua capacidade de resistência aos modelos hegemónicos da sua nação, concebendo, para tal, “um mundo outro, em que a fixação de identidades possa ser interrogada, problematizada ou mesmo superada” (Rich, 2008: 15). Neste sentido, a poética da deslocalização torna-se fulcral por acalentar a formação de paradigmas identitários alternativos, orientados pela geografia do corpo e assentes na responsabilização, na vontade de conhecer o “outro”, na aceitação da diferença como possibilidade de identificação e no reconhecimento de uma fragilidade partilhada. À luz desta poética, a localização apresenta-se como uma categoria porosa e relacional, onde as fronteiras da identidade (pessoal e nacional) são fluidas, instáveis e em constante negociação.

Para Maeera Shreiber, a poesia de Rich é um grito de lamento pelo modo como os Estados Unidos se alienaram da própria “América”, procurando recuperar uma versão mais antiga de nação como um espaço comunitário definido por múltiplas relações de pertença (Shreiber, 1997: 302). O espaço que Rich projeta a partir do desfazamento entre a geografia acidentada da “América” real e a cartografia imaginada da “América”

mitificada é, como observámos, um espaço construído a partir de relações sociais (Massey, 1994: 2 ss.) e de localizações múltiplas que visam retomar uma “América” feita de diversidades, migrações, deslocalizações, movimento e viagem (Roberson, 1998: 3 ss.) A cartografia da dor que a poeta traça na sua obra, mais do que assinalar os lugares problemáticos do corpo político em sofrimento, serve o propósito de projetar formas alternativas de perceber a identidade individual e coletiva, permitindo-nos entender os EUA, e todas as outras nações, como corpos e entidades que, embora diferentes, estão inevitavelmente relacionadas entre si e interligadas por uma vulnerabilidade comum.

Referências Bibliográficas

- Balibar, Étienne (2002), *Politics and the Other Scene*. New York: Verso. Tradução de Christine Jones et al.
- Braidotti, Rosi (2002), “A diferença sexual como um projeto político nómada”, in Ana Gabriela Macedo (org.), *Género, identidade e desejo: Antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Edições Cotovia, 143-160. Tradução de Joana Passos.
- Braidotti, Rosi (2011), *Nomadic Subjects: Embodiment and Sexual Difference in Contemporary Feminist Theory*. New York: Columbia University Press. [2a ed.]
- Butler, Judith (2004), *Precarious Life: The Powers of Mourning and Violence*. London: Verso.
- Dickie, Margaret (1997), *Stein, Bishop, and Rich: Lyrics of Love, War, and Place*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- Gelpi, Albert (2001), “The Transfiguration of the Body: Adrienne Rich’s Witness”, *The Wallace Stevens Journal*, 25 (1), 7-18.
- Harvey, David (1993), “Class Relations, Social Justice and the Politics of Difference”, in Michael Keith e Steve Pile (orgs.), *Place and the Politics of Identity*. London: Routledge, 41-65.
- Hogue, Cynthia (2001), “The ‘Possible Poet’: Pain, Form, and the Embodied Poetics of Adrienne Rich in Wallace Stevens’ Wake”, *The Wallace Stevens Journal*, 25 (1), 40-51.
- hooks, bell (1990), *Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics*. Boston: South End Press.
- Massey, Doreen (1994), *Space, Place, and Gender*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Rich, Adrienne (1986a), *Your Native Land, Your Life*. New York: W.W. Norton & Company.
- Rich, Adrienne (1986b), *Blood, Bread, and Poetry: Selected Prose 1979-1985*. New York: W.W. Norton & Company.
- Rich, Adrienne (1991), *An Atlas of the Difficult World: Poems 1988-1991*. New York: W.W. Norton & Company.
- Rich, Adrienne (1993a), *What is Found There: Notebooks on Poetry and Politics*. New York: W.W. Norton & Company.
- Rich, Adrienne (1993b), *Collected Early Poems: 1950-1970*. New York: W.W. Norton & Company.

- Rich, Adrienne (1995), *Dark Fields of the Republic: Poems 1991-1995*. New York: W.W. Norton & Company.
- Rich, Adrienne (2001), *Arts of the Possible: Essays and Conversations*. New York: W.W. Norton & Company.
- Rich, Adrienne (2002), "Notas para uma política da localização", in Ana Gabriela Macedo (org.), *Género, identidade e desejo: Antologia crítica do feminismo contemporâneo*. Lisboa: Edições Cotovia, 15-35. Tradução de Maria José da Silva Gomes.
- Rich, Adrienne (2004), *The School Among the Ruins: Poems 2000-2004*. New York: W.W. Norton & Company.
- Rich, Adrienne (2008), *Uma paciência selvagem: Antologia poética*, Maria Irene Ramalho e Mónica Varese Andrade (orgs.). Lisboa: Edições Cotovia. Tradução de Maria Irene Ramalho e Mónica Varese Andrade.
- Rich, Adrienne (2009), *A Human Eye: Essays on Art in Society, 1997-2008*. New York: W.W. Norton & Company.
- Rich, Adrienne (2011), *Tonight No Poetry Will Serve: Poems 2007-2010*. New York: W.W. Norton & Company.
- Richardson, Heather Cox (2010), *Wounded Knee: Party Politics and the Road to an American Massacre*. New York: Basic Books.
- Roberson, Susan L. (org.) (1998), *Women, America, and Movement: Narratives of Relocation*. Columbia: University of Missouri Press.
- Rowe, Aimee Carrillo (2005), "Be Longing: Toward a Feminist Politics of Relation", *NWSA Journal*, 17 (2), 15-46.
- Santos, Maria Irene Ramalho de Sousa (2004), "Misremembering: H.D. and Inspiration", in Isabel Capelo Gil et al. (orgs.), *Landscapes of Memory / Paisagens da Memória*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 289-304.
- Saramago, José (2007), *O conto da ilha desconhecida*. Alfragide: Editorial Caminho. [3a ed.]
- Scarry, Elaine (1985), *The Body in Pain: The Making and Unmaking of the World*. New York: Oxford University Press.
- Shreiber, Maeera (1997), "'Where Are We Moored?': Adrienne Rich, Women's Mourning, and the Limits of Lament", in Yopie Prins and Maeera Shreiber (orgs.), *Dwelling in Possibility: Women Poets and Critics on Poetry*. Ithaca: Cornell University Press, 301-317.
- Sontag, Susan (2003), *Regarding the Pain of Others*. London: Penguin Books.
- Whitman, Walt (1999), *Canto de mim mesmo*. Lisboa: Assírio & Alvim. Tradução de José Agostinho Baptista.